

## **QUAIS AS RAZÕES DE HAVER POUCAS STARTUPS FUNDADAS POR MULHERES? WHAT ARE THE REASONS FOR HAVING FEW STARTUPS FOUNDED BY WOMEN?**

**Andressa Conti Pavan** – FEA-USP

[andressaconti@outlook.com](mailto:andressaconti@outlook.com)

**Profa. Dra. Luciane Meneguín Ortega** – FEA-USP

[luciane.ortega@usp.br](mailto:luciane.ortega@usp.br)

**Prof. Dr. Arnaldo José França Mazzei Nogueira** – FEA-USP

[ajfranca@usp.br](mailto:ajfranca@usp.br)

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o empreendedorismo feminino de inovação, identificando as razões pelas quais há poucas startups fundadas por mulheres. A revisão foi realizada à partir de revistas brasileiras de classificação A2 pela Capes e foram encontrados 12 artigos sobre o tema, no período de 1977 a 2020. Como resultado dessa revisão, identificou-se 5 motivos impeditivos para as mulheres empreenderem: (1) as redes sociais compostas por laços fortes das mulheres empreendedoras; (2) o contexto social e histórico em que a mulher está inserida; (3) a necessidade das mulheres de terem maiores investimentos em capital humano social e práticas gerenciais do que os homens; (4) o conflito trabalho-família; e (5) a descoberta de que, mulheres empreendedoras tem menos probabilidade do que os homens de ter uma expectativa de alto crescimento para suas empresas.

Com isso, a contribuição desta pesquisa se dá em três aspectos: o primeiro para as mulheres empreendedoras se prepararem para superar essas barreiras; o segundo para os atores do ecossistema contribuírem para estimular o empreendedorismo feminino; e o último, no mapeamento da literatura e na consolidação dos artigos localizados e analisados.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino; startup; empreendedorismo de inovação; revisão sistemática.

### **Abstract**

The main objective of this article is to make a systematic review of the literature on female innovation entrepreneurship, identifying the reasons why there are few startups founded by women. The review was based on Brazilian journals rated A2 by Capes and 12 articles were found, between 1977 and 2020. This search identified 5 impeding factors for women to open their own business: women entrepreneurs social networks composed of strong ties; the social and historical context in which women are inserted; the need for women to have greater investments in human and social capital and managerial practices than men; the work-family conflict; and the discovery that women entrepreneurs are less likely than men to expect high growth companies. Thus, the contribution of this research is made in three aspects, the first for women entrepreneurs to prepare to overcome these barriers, the second for the actors in the ecosystem to contribute to stimulate female entrepreneurship, and the last for mapping of the literature and consolidation of the articles found.

Keywords: female entrepreneurship; startup; innovation entrepreneurship; systematic review.

## **1. Introdução**

O fenômeno do empreendedorismo tem ganhado cada vez mais relevância nos dias de hoje. E por sua vez, o empreendedorismo feminino também tem crescido nos últimos anos, no Brasil, mas ainda são poucos os estudos e os estímulos para que as mulheres construam empresas rentáveis e com altas expectativas de crescimento e de sobrevivência.

Os estudos no campo do empreendedorismo feminino só começaram no Brasil a partir dos anos 2000, segundo Krakauer *et al.* (2018). Ao redor do mundo, os estudos de gênero em empreendedorismo começaram em 1970 e já abordavam uma variedade de temas (Ahl, 2006).

De acordo com DeBruin *et al.* (2006) e Brush *et al.* (2009) essas pesquisas surgiram por causa do aumento no número de mulheres empresárias. O que pode ser comprovado pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2019) ao apresentar que, na América Latina, quase metade (48,9%) das mulheres trabalham por conta própria, em comparação com (36,6%) dos homens. O SEBRAE (2019) contribui nesse contexto quando apresenta o dado de que 46,2% das empresas no campo do empreendedorismo tradicional são fundadas por mulheres.

No entanto, quando se trata do empreendedorismo feminino de inovação – empresas que tenham alguma forma de inovação como centro do negócio –, o número de mulheres empresárias cai significativamente. Segundo a pesquisa realizada pela plataforma de inovação para grandes empresas denominada Distrito, em parceria com a Endeavor e a B2Mamy (2021), somente 4,7% das *startups* são fundadas exclusivamente por mulheres e 5,1% são cofundadas por mulheres (fundação mista entre mulheres e homens). Segundo a mesma pesquisa, esse número não teve alterações significativas nos últimos dez anos. Em 2011 o número de *startups* fundadas exclusivamente por mulheres era de 4,4% do total de *startups*. Ou seja, se esse padrão de crescimento continuar, a paridade de gênero não será alcançada por centenas de anos.

Diante do exposto sobre o pequeno número de mulheres fundadores de *startups* no Brasil, nota-se a necessidade de compreender essas razões a partir de uma busca em pesquisas existentes. Dessa forma, este estudo apresenta como questão de pesquisa: quais as razões mencionadas na literatura de haver poucas *startups* fundadas por mulheres?

Este artigo possui como objetivos: analisar a quantidade de artigos publicados sobre o tema ao longo do tempo em estudo e desenvolver um quadro que facilite a compreensão sobre as variadas razões de haver poucas mulheres fundadoras de *startups*.

A contribuição desta pesquisa é, principalmente, para mulheres que estão à frente de *startups* ou que pretendem fundar uma, para que elas possam se preparar para lidar com possíveis impeditivos encontrados em suas trajetórias. Em segundo lugar, a pesquisa também contribui para com os atores do ecossistema de empreendedorismo de inovação. Já que, a partir desta pesquisa, estes podem identificar esses impeditivos e contribuir para estimular o empreendedorismo feminino de alto impacto. Por fim, a contribuição da pesquisa também se dá no mapeamento da literatura e na consolidação de artigos encontrados.

Após esta introdução, este estudo apresenta o referencial teórico no qual são abordados alguns conceitos específicos da pesquisa. Na sequência é apresentada a metodologia de pesquisa, seguida da análise e discussão dos resultados. Por fim, encontram-se as considerações finais nas quais são expostas reflexões sobre os resultados da pesquisa.

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1. Empreendedorismo Feminino**

A definição de empreendedorismo evoluiu muito ao longo dos anos e foi se tornando cada vez mais complexa, devido às mudanças econômicas mundiais. Segundo Kacperczyk (2012), Kacperczyk e Younkin (2019) e Carnahan *et al.* (2012) o empreendedorismo é um dos aspectos mais importantes da atual economia. De acordo com Dornelas (2003), o empreendedorismo é um forte aliado do desenvolvimento tecnológico, por oferecer suporte à inovação e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento.

No entanto, começar um novo empreendimento parece ser particularmente desvantajoso para as mulheres, que são significativamente menos propensas a ter sucesso como empreendedoras (Canning *et al.* 2012). O desequilíbrio entre as mulheres e os empresários do sexo masculino é especialmente ressaltado entre empreendimentos de alto crescimento, com mulheres representando uma parcela muito menor de fundadores capazes de alcançar os resultados desejados, incluindo aquisições de alto valor ou IPOs (Oferta Pública Inicial, por exemplo, Robb *et al.*, 2014). Existe um amplo consenso que as mulheres permanecem amplamente sub-representadas nesta modalidade de empreendedorismo.

Pesquisas mostraram uma grande lacuna de gênero no empreendedorismo, com as mulheres sendo menos bem sucedidas do que os homens (por exemplo, Aldrich 2005; Reynolds *et al.* 2000; Ruef *et al.* 2003; Yang e Aldrich, 2014). Embora o empreendedorismo envolva uma série de estágios, uma vasta maioria dos estudos focou as disparidades de gênero no investimento inicial (por exemplo, Canning *et al.* 2012; Greene *et al.* 2003; Gatewood *et al.* 2003; Brush *et al.* 2003; Coleman e Robb, 2009; Sørensen e Sharkey, 2014), sugerindo que as mulheres são muito menos prováveis do que os homens a obter capital externo de investidores (Canning *et al.* 2012; Greene *et al.* 2003; Gatewood *et al.* 2003; Brush *et al.* 2003).

Um dos motivos para que isso ocorra, segundo Cliff (1998), Loscocco *et al.* (1991) e Morris *et al.* (2006), é que as mulheres são mais propensas a estarem associadas a negócios menos intensivos em capital, com menor tolerância ao risco inerente a esforços agressivos de crescimento e, portanto, menos desejo pelo tipo de capital financeiro necessário para financiar esse nível de crescimento. Box e Larsson (2018) também corroboram com essa visão ao apresentar evidências que comprovam que empreendimentos fundados por equipes exclusivamente femininas têm menores chances de sobrevivência, especialmente se forem *startups* solos do sexo feminino.

O estudo de Guzman, e Kacperczyk (2019) apresenta algumas razões para que startups fundadas por mulheres tenham baixo crescimento, como a menor propensão das mulheres em fundar e operacionalizar *startups* que possuem tecnologia apropriada e diferenciada. A pesquisa também afirma que a questão estrutural em relação a gênero no local de trabalho e em casa influenciam a estrutura de oportunidades que as mulheres enfrentam, impondo restrições significativas às possíveis fundadoras, sugerindo que esses obstáculos estruturais tendem a afastar as mulheres de fundar empreendimentos com alto potencial de crescimento.

Já com relação ao perfil comportamental das empreendedoras, Krakauer *et al.* (2018) constatou que os comportamentos que o influenciam, em ordem de importância, são planejar, identificar oportunidades, ser social e liderar. Além disso, foi provado que o perfil empreendedor das mulheres influencia positivamente a intenção empreendedora, ou seja, quanto maior o perfil empreendedor da mulher, maior é a sua intenção empreendedora.

## **2.2. Startup**

Atualmente, não há uma definição única sobre o que é uma *startup*. De acordo com Blank (2010), *startup* é uma organização temporária em que não se tem histórico operacional e se criam produtos de tecnologia inovadora. Em 2014, Blank e Dorf definem *startup* como uma organização temporária que visa ter um modelo de negócios escalável, reproduzível e rentável. Já para Ries (2012, p.7), *startup* é “uma instituição humana projetada para criar produtos e serviços sob condições de extrema incerteza”.

Para o Sebrae (2015), *startup* é uma empresa em fase inicial com as seguintes características: proposta inovadora, modelo de negócios escalável, base tecnológica, baixo custo para iniciar as atividades e uma ideia com grandes chances de se transformar em negócio. Ressalta-se que esta pesquisa considera essa definição por estar adaptada ao cenário nacional, já que o Sebrae é um importante ator do ecossistema de empreendedorismo do Brasil, e, por levar em consideração aspectos da definição de Blank (2010) e Ries (2012).

### 3. Metodologia

A fim de conhecer o estado da arte das temáticas em estudo, esta pesquisa visa a realização de uma revisão e análise da literatura sobre o tema de *startups* fundadas por mulheres. Com isso, foi efetuada uma pesquisa de natureza primária, recorrendo à coleta da informação em revistas acadêmicas selecionadas pelas autoras. A estratégia de seleção de coleta de dados não implica em resultados piores ou melhores, apenas define a forma como são obtidos, observados e apresentados.

A coleta de dados para a revisão sistemática foi feita por meio de buscas em todas as revistas brasileiras de classificação A2 pela Capes pelo peso científico delas. As revistas selecionadas por ordem alfabética foram: Brazilian Administration Review (BAR), Brazilian Business Review (BBR), RAUSP Management Journal, Revista Brasileira de Gestão de Negócios (RBGN), Revista de Administração Contemporânea (RAC) e Revista de Administração de Empresas (RAE).

Nesta pesquisa, foram considerados todos os artigos científicos publicados até o ano de 2020, partindo do ano de 1977. Como o tema é pouco explorado na literatura brasileira, foi necessária a utilização de diversas palavras-chave, percebidas no referencial teórico apresentado, para exaurir as buscas, incluindo: *startup*, gênero,

mulher, *founder*, empreendedorismo feminino e empreendedorismo de inovação. Sendo que todas elas foram traduzidas em português e inglês para garantir a completude dos artigos.

Para a análise de dados foi elaborado um protocolo para a seleção e exclusão de artigos levantados, considerando os objetivos da busca, a questão de pesquisa, os critérios definidos para seleção das fontes, os métodos de busca, as palavras-chave mais assertivas, os tipos dos artigos e idiomas escolhidos. Para esclarecer o passo a passo dos critérios de seleção e exclusão definidos pelos autores, foi criado o Quadro 1 a seguir, com a descrição das etapas, critérios de classificação e análise e o número de artigos encontrados em cada uma delas.

Quadro 1: Critérios de seleção e exclusão dos artigos

| <b>Etapas</b> | <b>Descrição</b>   | <b>Critérios de Seleção e Exclusão</b>   | <b>Quantidade de Artigos Encontrados</b> |
|---------------|--|--|--|
| Etapa 1       | Busca de artigos nas revistas A2 brasileiras                             | Todos os artigos encontrados pelas palavras-chave buscadas, traduzidas em português e inglês | 1288                                     |
| Etapa 2       | Primeira rodada de exclusão de artigos não aderentes à pesquisa          | Eliminação de artigos repetidos e com título não relacionado ao tema e objetivos da pesquisa | 51                                       |
| Etapa 3       | Segunda rodada de exclusão de artigos não aderentes à pesquisa           | Eliminação de artigos com resumo não aderente ao tema e objetivos de pesquisa                | 16                                       |
| Etapa 4       | Terceira e última rodada de exclusão de artigos não aderentes à pesquisa | Eliminação de artigos com introdução não coerente com o tema e objetivos da pesquisa         | 12                                       |

*Fonte: elaborado pelos autores.*

Conforme explicitado pelo Quadro 1, apenas um número restrito de artigos (doze) foi tratado neste estudo a partir de seu exame na íntegra. Contudo, com esta pesquisa foi possível encontrar uma série de artigos de autores respeitados no setor, que

permitiram maior entendimento e comparação entre as diferentes visões sobre o tema. As conclusões da busca encontram-se na sequência.

#### 4. Resultados e discussão

Neste item são apresentados os resultados das buscas, bem como as análises e interpretação dos artigos encontrados, visando responder à questão de pesquisa: quais as razões mencionadas na literatura de haver poucas *startups* fundadas por mulheres?

Com a revisão sistemática realizada foi possível identificar que dos 1.288 artigos encontrados há poucos artigos (12) que tratam sobre o empreendedorismo de inovação feminino, o que por sua vez, justifica esta pesquisa. Portanto, foi necessário considerar artigos que tratam sobre o empreendedorismo tradicional feminino a fim de ter uma maior compreensão dos motivos impeditivos.

Atendendo a um dos objetivos deste artigo, a partir da revisão da literatura foi elaborado um quadro (Quadro 2) com os motivos impeditivos para que mulheres fundem *startups*, conforme mostra o Quadro 2 abaixo. Dos 12 artigos estudados, apenas 5 deles apresentaram resultados que comprovaram as barreiras existentes para uma mulher empreender.

Quadro 2: Motivos impeditivos para as mulheres fundarem *startups*

| ID | Motivos Impeditivos   | Referências   |
|----|---|---|
| 1  | Redes sociais compostas por laços fortes em sua maioria   | Vale, G. M. V., Serafim, A. C. F., e Teodósio, A. D. S. "Gênero, Imersão e Empreendedorismo: Sexo Frágil, Laços Fortes?". RAC, Curitiba, 2011.  |
| 2  | Contexto social e histórico em que a mulher está inserida   | Ferreira, J. M., e Nogueira, E. E. S. "Mulheres e Suas Histórias: Razão, Sensibilidade e Subjetividade no Empreendedorismo Feminino". RAC, Rio de Janeiro, 2013.  |
| 3  | Necessidade de maiores investimentos em capital humano, social e práticas gerenciais do que os homens | Bertolami, M., Artes, R., Gonçalves, P. A., Hashimoto, M., e Lazzarini, S. G. "Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero". RAC, Rio de Janeiro, 2018. |
| 4  | Dificuldade em lidar com o  | Strobino, M. R. C., e Teixeira, R. M.   |



|   |   |   |
|---|---|---|
|   | conflito trabalho-família   | “Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba”. R.Adm., São Paulo, 2014.  |
| 5 | Mulheres empreendedoras são menos propensas a ter uma expectativa de alto crescimento para suas empresas do que homens empreendedores | Arroyo, M. R., Fuentes, M. M. F., e Jiménez, J. M. R. “Um estudo internacional sobre os fatores que explicam a expectativa de alto crescimento em novos empreendimentos: uma perspectiva de gênero”. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, São Paulo, 2016. |

*Fonte: elaborado pelos autores.*

O primeiro fator impeditivo identificado trata-se da característica das redes sociais formadas pelas mulheres empreendedoras. Segundo Aldrich (1989), mulheres e homens encontram-se imersos em redes sociais diferentes. Vale *et al.* (2011) confirma essa visão ao mostrar que essas diferenças condicionam ou influenciam a natureza dos empreendimentos que são capazes de criar. As descobertas de Vale *et al.* (2011) sugerem que as mulheres costumam recorrer a laços mais próximos, os chamados laços fortes, para buscar apoio e informações, enquanto os homens buscam fontes mais distantes como exposições e feiras. Além de que as redes sociais femininas apresentam menor diversidade de categorias de contatos, ou seja, as mulheres interagem menos em redes homofílicas e tem menor variedade de contatos do que os homens.

A segunda barreira identificada pela literatura foi o contexto social e histórico em que a mulher se encontra. De acordo com Ferreira e Nogueira (2013) as representações sociais das entrevistadas sobre ser uma mulher empreendedora estão de acordo com as conclusões de Menezes e Bertucci (2009) e de Cramer *et al.* (2001, 2012) em dois aspectos. O primeiro é que a mulher vive em um uma situação de conquista de espaço e precisa constantemente provar que é capaz de gerir o seu negócio com sucesso para que dessa forma ela tenha o seu espaço e a sua identidade de empreendedora reconhecidos. E o segundo é que a socialização da infância teve grande influência sobre o seu sistema de representação.

A pesquisa ainda afirma que, hoje no Brasil, a questão de gênero é vista como uma condição biológica e não social. No entanto, poderia ser considerada uma construção social produzida pela cultura, em que o indivíduo nasce com uma constituição biológica, mas é a partir da relação com outras pessoas que ele vai aprender e desafiar os padrões estabelecidos pela sociedade. Ou seja, a empreendedora não representa apenas sua condição de mulher de negócios, mas também sua condição social.

Já o terceiro fator impeditivo para as mulheres, é que elas precisam de maiores investimentos em capital humano, social e práticas gerenciais do que os homens para que suas empresas tenham as mesmas probabilidades de sobrevivência dos últimos, segundo Bertolami *et al.* (2018). O estudo comprovou que o empreendedorismo feminino nem sempre é mais arriscado do que empresas fundadas por homens, mas sim que o gênero afeta as chances de sobrevivência do negócio. Dessa forma, as mulheres precisam considerar mecanismos compensatórios para aumentar a probabilidade de sucesso do seu negócio.

O quarto fator identificado são os conflitos trabalho-família, que foram divididos pelas autoras em três dimensões, tempo, tensão e comportamento. Segundo Strobino e Teixeira (2013), os resultados das entrevistas realizadas com empreendedoras trouxeram que a indefinição do horário de trabalho, a dificuldade de compartilhar as atividades familiares com a família e as poucas horas dedicadas a mesma, devido a alta demanda de tempo aos assuntos profissionais, são os conflitos relacionados a dimensão tempo. Já os conflitos relacionados a dimensão tensão foram: o estresse por conta dos problemas financeiros de suas empresas ou a cobrança dos honorários pelos serviços prestados, os transtornos emocionais por conta de brigas familiares e pouco apoio marital. Com relação a dimensão comportamento, os principais foram: falta de ânimo para gerenciarem suas empresas, mau humor na relação com a família devido aos problemas na empresa e falta de motivação pelo retorno financeiro abaixo do esperado em sua empresa ou pela rotina estressante. O estudo ainda ressalta a associação que é feita do gênero feminino ao trabalho doméstico. As mulheres continuam a desempenhar a maior parte desse trabalho, mantendo uma divisão injusta das tarefas domésticas e do trabalho profissional.

Por fim, o último fator encontrado é que mulheres empreendedoras são menos propensas do que os homens empreendedores a ter uma expectativa de alto

crescimento para suas empresas, identificado por Arroyo *et al.* (2016). Em sua pesquisa, Arroyo realiza regressões logísticas binomiais hierárquicas, incluindo uma análise segmentada para realizar uma comparação do modelo entre homens e mulheres empreendedores a fim de validar algumas hipóteses. As principais conclusões que a pesquisa apresenta são que os homens tem uma probabilidade de quase duas vezes maior do que as mulheres a ter altas aspirações para o crescimento de suas empresas e os fatores que influenciam a expectativa de alto crescimento são diferentes para mulheres e homens. Para as mulheres a expectativa de crescimento de suas empresas pode ser influenciada por fatores não relacionados a inovação, visto a tendência das mulheres em atuar em setores mais tradicionais (Anna *et al.*, 2000)

Além disso, também foi possível responder ao objetivo desta pesquisa, a quantidade de artigos publicados sobre o tema ao longo do tempo em estudo. Foi identificado que houve um aumento no número de produções relacionadas ao empreendedorismo feminino no Brasil a partir dos anos 2000, nesta pesquisa não foram encontrados nenhum artigo anterior a essa data. A data de publicação do primeiro artigo, por ordem cronológica, é 2003 e 11 dos 12 artigos estudados, ou seja 92% deles, são da década de 2010 a 2020. O que representa o quão recente é a discussão sobre o tema no Brasil e sua evolução ao longo dos anos. Além disso, destaca-se a importância de maior aprofundamento nas pesquisas relacionados ao empreendedorismo feminino, especialmente o empreendedorismo de inovação.

## **5. Considerações finais**

A revisão sistemática se baseou na busca de artigos em revistas brasileiras classificadas como A2 pela Capes. A pesquisa resultou em 12 artigos que tratam sobre empreendedorismo feminino e a partir deles foi possível identificar 5 motivos impeditivos para as mulheres empreenderem. Esses motivos são: a característica das redes sociais das mulheres empreendedoras; o contexto social e histórico em que a mulher está inserida; a necessidade da mulher se valer de mecanismos compensatórios para ter a mesma chance de sucesso do que os homens, como maiores investimentos em capital humano social e práticas gerenciais; o conflito trabalho-família que torna mais difícil para as mulheres empreenderem; e a descoberta

de que mulheres empreendedoras são menos propensas do que os homens a ter uma expectativa de alto crescimento para suas empresas.

Limitações metodológicas e operacionais foram percebidas durante o estudo: a seleção de apenas revistas brasileiras A2 limita a abrangência da literatura pesquisada; como a análise foi qualitativa, pode ter havido viés inerente ao próprio juízo dos pesquisadores; e dificuldade na operacionalização das bases para baixar todos os artigos encontrados nas ferramentas de buscas das revistas.

Como sugestão de estudos futuros, tem-se a revisão sistemática sobre o empreendedorismo feminino de inovação em portais de buscas mais amplos e demais revistas indexadas, inclusive internacionais, já que para esta pesquisa foram consideradas apenas as revistas brasileiras de classificação A2. E, também, o aprofundamento nas razões pelas quais há poucas *startups* fundadas por mulheres no Brasil, especialmente por haver poucos estudos que tratam sobre este assunto.

## Referências

- Ahl, H. *Why research on women entrepreneurs needs new directions?* *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 30 No. 5, p.595-621, 2006.
- Aldrich, H. *Networking among women entrepreneurs*. In O. Hagan, C. Rivchun, e D. Sexton (Eds.), New York: Praeger, *Women-Owned Businesses*, p.103-132, 1989.
- Aldrich, H.E. *Entrepreneurship*. In: Smelser, N.J., Swedberg, R. (Eds.), *The Handbook of Economic Sociology*, 2nd ed. Princeton University Press, Princeton, NJ, p.451–477, 2005.
- Anna, A. N., Chandler, G. N., Jansen, E., e Mero, N. P. *Women business owners in traditional and non-traditional industries*. *Journal of Business Venturing*, 15, p.279-303, 2000.
- Arroyo, M. R., Fuentes, M. M. F., e Jiménez, J. M. R. “Um estudo internacional sobre os fatores que explicam a expectativa de alto crescimento em novos empreendimentos: uma perspectiva de gênero”. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, São Paulo, v. 18, n. 60, p.171-190 abr./jun. 2016.
- Bertolami, M., Artes, R., Gonçalves, P. A., Hashimoto, M., e Lazzarini, S. G. *Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas*

Gerenciais e Gênero. RAC, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, art. 1, p.311-335, mai./jun. 2018.

Blank, S. *What's A Startup? First Principles*. 2010. Disponível em: <<https://steveblank.com/2010/01/25/whats-a-startup-first-principles/>>. Acesso em 15 jul. 2021.

Blank, S., e Dorf, B. *Startup: Manual do Empreendedor* (1a ed.). Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

Box, M., e Larsson S. T. *Entrepreneurial teams, gender, and new venture survival: contexts and institutions*. *Sage Open*, 8(2), 2158244018777020, 2018.

Brush, C.G., Carter, N.M., Gatewood, E., Greene, P.G., e Hart, M. *Venture capital access: is gender an issue? In the emergence of entrepreneurship policy: governance*. In: Hart, D. (Ed.), *Start-Ups and Growth in the U.S. Knowledge Economy*. Cambridge University Press, London, pp. 141–154, 2003.

Brush, C.G., de Bruin, A. e Welter, F. *A gender-aware framework for women's entrepreneurship*. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, Vol. 1 No. 1, p.8-24, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1108/17566260910942318>>. Acesso em 25 jul. 2021.

Canning, J., Haque, M., e Wang, Y. *Women at the Wheel: Do Female Executives Drive Start-Up Success? Dow Jones and Company*. 2012.

Carnahan, S., Agarwal, R., e Campbell, B.A. *Heterogeneity in turnover: the effect of relative compensation dispersion of firms on the mobility and entrepreneurship of extreme performers*. *Strateg. Manage. J.* 33, p.1411-1430, 2012.

Cliff, J. E. *Does one size fit all? Exploring the relationship between attitudes towards growth, gender, and business size*. *Journal of business venturing*, 13(6), p.523-542, 1998.

Coleman, S., e Robb, A. *A comparison of new firm financing by gender: evidence from the Kauffman Firm Survey data*. *Small Business Economics*, 33(4), p.397-411, 2009.

Cramer, L., Cappelle, M. C. A., Silva, A. L., e Brito, M. J. Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. *Anais do Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, Londrina, PR, Brasil, 2, 2001.

Cramer, L., Cappelle, M. C. A., Silva, A. L., e Brito, M. J. Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1), p.53-71, 2012

DeBruin, A., Brush, C.G. e Welter, F. *Introduction to the special issue: towards building cumulative knowledge on women's entrepreneurship, Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 30 No. 5, p.585-592, 2006.

Distrito, B2 Mamy e Endeavor. "Female Founders Report". 2021. Disponível em: <<https://materiais.distrito.me/dataminer-female-founders-report>>. Acesso em 15 jul. 2021.

Dornelas, J. C. A. Empreendedorismo Corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

Ferreira, J. M., e Nogueira, E. E. S. Mulheres e Suas Histórias: Razão, Sensibilidade e Subjetividade no Empreendedorismo Feminino. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, art. 1, p.398-417, Jul./Ago. 2013.

Gatewood, E.J., Carter, N.M., Brush, C.G., Greene, P.G., e Hart, M.M. *Women Entrepreneurs, Their Ventures, and the Venture Capital Industry: An Annotated Bibliography. Entrepreneurship and Small Business Research Institute*, Stockholm, 2003.

Global Entrepreneurship Monitor. Relatório executivo, 2019. Disponível em: <<https://www.gemconsortium.org>>. Acesso em 20 jul. 2021.

Greene, P.G., Hart, M.M., Gatewood, E.J., Brush, C.G., e Carter, N.M. *Women Entrepreneurs: Moving Front and Center: An Overview of Research and Theory. Coleman White Paper Series*, 2003.

Guzman, J., e Kacperczyk, A. O. *Gender gap in entrepreneurship. Research Policy*, 48(7), 1666-1680, 2019.

Kacperczyk, e Aleksandra J. *Opportunity structures in established firms entrepreneurship versus intrapreneurship in mutual funds. Adm. Sci. Q.* 57 (3), p.484–521, 2012.

Kacperczyk, e Younkin P. *Detours or Dead-ends: The Effect of Entrepreneurship on the Future Employment of Women. London Business School Working Paper*, 2019.

Krakauer, P. V. C., Moraes, G. H. S. M., Coda, R., e Berne, D. F. *Brazilian women's entrepreneurial profile and intention*, *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, Vol. 10 Issue: 4, p.361-380, 2018.

Loscocco, K. A., Robinson, J., Hall, R. H., e Allen, J. K. *Gender and small business success: An inquiry into women's relative disadvantage*. *Social forces*, 70(1), 65-85, 1991.

Menezes, R. S., e Bertucci, J. L. "Mulher de negócios": uma análise da representação social em base no discurso de empresárias associadas à Business Professional Women. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, p.33, 2009.

Morris, M. H., Miyasaki, N. N., Watters, C. E., e Coombes, S. M. *The dilemma of growth: Understanding venture size choices of women entrepreneurs*. *Journal of Small Business Management*, 44(2), 221-244, 2006.

Reynolds, P. *National panel study of U.S. Business start-ups: background and methodology*. In: Katz, J.A., Brockhaus, R.H. (Eds.), *Databases for the Study of Entrepreneurship, Vol. 4 of Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence, and Growth*. JAI Press, Greenwich, CT, p. 153–227, 2000.

Ries, E. *A Startup Enxuta*. São Paulo: Leya, p.7, 2012.

Robb, A., Coleman, S., e Stangler, D. *Sources of Economic Hope: Women's Entrepreneurship*. 2014. Disponível em: < [https://www.kauffman.org/wp-content/uploads/2019/12/sources\\_of\\_economic\\_hope\\_womens\\_entrepreneurship.pdf](https://www.kauffman.org/wp-content/uploads/2019/12/sources_of_economic_hope_womens_entrepreneurship.pdf) >. Acesso em 07 ago. 2021.

Ruef, M., Aldrich, H.E., e Carter, N. *The structure of organizational founding teams: homophily, strong ties, and isolation among U.S. entrepreneurs*. *Am. Sociol. Rev.* 68 (2), 195–222, 2003.

Sebrae. *Pesquisa Lado/A, Lado/B Startups*. São Paulo, 2015.

Sørensen, J.B., e Sharkey, A.J. *Entrepreneurship as a mobility process*. *Am. Sociol. Rev.* 79 (2), 328–349, 2014.

Strobino, M. R. C., e Teixeira, R. M. "Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba". *R.Adm.*, São Paulo, v.49, n.1, p.59-76, jan./fev./mar. 2014.

Sebrae. “Empreendedorismo Feminino no Brasil”. São Paulo, 2019. Disponível em: <[https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%200a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%200a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf)>. Acesso em 15 jul. 2021.

Vale, G. M. V., Serafim, A. C. F., e Teodósio, A. D. S. “Gênero, Imersão e Empreendedorismo: Sexo Frágil, Laços Fortes?”. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, art. 4, p. 631-649, Jul./Ago. 2011.

Yang, T., e Aldrich, H.E. *Who’s the boss? Explaining gender inequality in entrepreneurial teams*. Am. Sociol. Rev. 79 (2), 303–327, 2014.